

ZADIE SMITH

# Ritmo louco

*Tradução*  
Daniel Galera



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Zadie Smith

Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Swing Time

*Capa*

Carlos di Celio

*Preparação*

Ana Paula Martini

*Revisão*

Luciana Baraldi

Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Smith, Zadie

Ritmo louco / Zadie Smith ; tradução Daniel Galera. — 1ª ed. —  
São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: Swing Time.

ISBN 978-85-359-3166-2

1. Ficção inglesa I. Título.

18-19787

CDD-823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*para minha mãe, Yvonne*

*Quando troca a música, troca a dança.*

Provérbio hauçá

## Prólogo

Era o primeiro dia da minha humilhação. Empurrada para dentro de um avião, mandada de volta para casa, para a Inglaterra, instalada num lugar temporário em St. John's Wood. O flat ficava no oitavo andar, as janelas davam para o campo de críquete. Tinham escolhido aquele lugar, imagino, por causa do porteiro, que rebatia todas as perguntas. Eu ficava fechada em casa. O telefone na parede da cozinha não parava de tocar, mas me disseram para não atender e para deixar meu próprio telefone desligado. Eu acompanhava as partidas de críquete, um jogo que não compreendo e que era incapaz de me distrair de verdade, mas ainda assim era melhor do que ficar olhando para o interior daquele apartamento de condomínio de luxo, em que tudo havia sido projetado para ser perfeitamente neutro, com todos os cantos arredondados, como um iPhone. Quando as partidas de críquete terminavam, eu ficava olhando para a cafeteira sofisticada embutida na parede, para as duas fotos do Buda — um de bronze, o outro de madeira — e para a foto de um elefante de joelhos ao lado de um menininho indiano, que também estava ajoelhado.

Os cômodos eram de bom gosto e em tons de cinza, interligados por um corredor revestido com um tapete de lã bege impecável. Eu ficava admirando a textura do tapete.

Dois dias se passaram assim. No terceiro dia, o porteiro interfonou e disse que o saguão estava liberado. Olhei para o meu celular, que descansava na mesinha em modo avião. Eu tinha ficado setenta e duas horas off-line, e lembro de sentir que isso deveria constar entre os grandes exemplos de estoicismo pessoal e resiliência moral dos nossos tempos. Vesti a jaqueta e desci. Encontrei o porteiro no saguão. Ele aproveitou a oportunidade para resmungar com ar emburrado (“Você não faz ideia de como tem sido aqui embaixo nos últimos dias — diabo, parecia Piccadilly Circus!”), embora também tenha ficado claro que ele tinha sentimentos conflituosos, talvez estivesse até um pouco decepcionado: era uma pena, para ele, que a confusão tivesse acabado — durante quarenta e oito horas, ele havia se sentido muito importante. Ele me contou, orgulhoso, que tinha mandado várias pessoas “tirarem o cavalinho da chuva” e dito para tal e tal pessoa que, se achavam que conseguiriam passar por ele, iriam “quebrar a cara”. Fiquei apoiada em sua escrivaninha, escutando ele falar. Eu tinha ficado tanto tempo longe da Inglaterra que muitas das expressões coloquiais britânicas mais simples agora me soavam exóticas, quase sem sentido. Perguntei se ele achava que apareceria mais gente naquela noite, e ele disse que achava que não, desde a noite anterior não aparecia ninguém. Quis saber se seria seguro trazer um visitante para passar a noite comigo. “Não vejo problema”, ele disse num tom que me fez sentir que a pergunta era ridícula. “A porta dos fundos está sempre ali.” Ele deu um suspiro, e no mesmo instante uma mulher parou para perguntar se ele poderia receber suas roupas da lavanderia, pois ela estava de saída. A atitude da mulher era rude e impaciente, e ela não olhava para o porteiro ao falar, preferindo manter o olhar cravado

no calendário que estava sobre a escrivaninha, um bloco cinza com uma tela digital que informava à pessoa em frente, com uma precisão de segundos, o momento exato no qual ela se encontrava. Era o vigésimo quinto dia do mês de outubro, do ano dois mil e oito, e o horário era doze horas, trinta e seis minutos e vinte e três segundos. Me virei para ir embora; o porteiro resolveu o assunto com a mulher e saiu correndo de detrás da escrivaninha para abrir a porta da frente para mim. Ele perguntou aonde eu iria; respondi que não sabia. Saí caminhando pela cidade. Era uma tarde de outono londrina perfeita, fria porém iluminada, folhas douradas estavam caídas debaixo de algumas árvores. Passei a pé pelo campo de críquete e pela mesquita, pelo Madame Tussauds, subi a Goodge Street e desci a Tottenham Court Road, atravessei a Trafalgar Square e, finalmente, cheguei ao Embankment e atravessei a ponte. Pensei — como penso muitas vezes ao atravessar aquela ponte — nos dois jovens estudantes que certa vez a cruzaram tarde da noite e foram atacados e arremessados por cima da grade de proteção, para dentro do Tâmis. Um sobreviveu, o outro morreu. Nunca entendi como o sobrevivente conseguiu essa façanha, na escuridão, no frio absoluto, após um choque terrível e com os calçados nos pés. Pensando nele, tomei o cuidado de seguir pelo lado direito da ponte, rente aos trilhos, e evitei olhar para a água. Quando cheguei em South Bank, a primeira coisa que vi foi um pôster anunciando um evento vespertino de bate-papo com um diretor de cinema austríaco que começaria em vinte minutos no Royal Festival Hall. Num impulso, decidi tentar obter um ingresso. Caminhei até lá e consegui comprar um assento na galeria, na última fileira. Não esperava muita coisa, só queria me distrair dos meus problemas por um tempo, sentar no escuro e ouvir um debate sobre filmes que nunca tinha visto, mas no meio do evento o diretor pediu ao entrevistador que exibisse um trecho de *Ritmo louco*, um filme

que conheço muito bem, era a única coisa a que eu assistia sem parar quando era criança. Me aprumei na cadeira. Na imensa tela à minha frente, Fred Astaire dançava com três figuras silhuetadas. Elas não conseguem acompanhá-lo, começam a perder o ritmo. Por fim, jogam a toalha, fazem aquele gesto bem americano de “ah, dane-se” com suas três mãos esquerdas e deixam o palco. Astaire continuava dançando sozinho. Entendi que as três sombras também eram Fred Astaire. Teria me dado conta disso na infância? Ninguém mais dá aquelas patadas no ar, nenhum outro dançarino dobra os joelhos daquele jeito. Enquanto isso o diretor expunha sua teoria a respeito do “cinema puro”, que começou definindo como “a interação entre claro e escuro, expressa como uma espécie de ritmo ao longo do tempo”, mas achei sua linha de pensamento tediosa e difícil de acompanhar. Atrás dele, por alguma razão, o mesmo trecho do filme passou novamente e os meus pés começaram a bater no assento à frente, acompanhando a música. Senti uma leveza maravilhosa no corpo, uma felicidade ridícula, surgida aparentemente do nada. Eu tinha perdido meu emprego, uma certa versão da minha vida, minha privacidade, mas tudo isso parecia pequeno e trivial perto do sentimento alegre que brotava enquanto eu assistia à dança e acompanhava seus ritmos precisos com meu próprio corpo. Senti que estava perdendo a noção da minha localização física, flutuando acima do meu corpo, vendo minha vida de um ponto muito distante, pairando acima dela. Lembrava a maneira como as pessoas descrevem experiências com drogas alucinógenas. Enxerguei todos os meus anos de uma só vez, mas eles não estavam empilhados uns sobre os outros, uma experiência após a outra, construindo algo substancial — pelo contrário. Uma verdade estava se revelando para mim: a de que eu sempre tentara me vincular à luz de outras pessoas, a de que eu nunca tivera uma luz própria. Estava me vivenciando como uma espécie de sombra.



Quando o evento terminou, voltei até o flat caminhando pela cidade, liguei para Lamin, que aguardava num café das redondezas, e lhe disse que a barra estava limpa. Ele também tinha sido demitido, mas em vez de deixá-lo voltar para casa, para o Senegal, eu o havia trazido para cá, para Londres. Ele apareceu às onze, usando uma blusa com capuz para o caso de haver câmeras. O saguão estava vazio. De capuz ele tinha um aspecto ainda mais jovem e mais bonito, e me pareceu um tanto escandaloso que eu não pudesse encontrar espaço no meu coração para sentimentos verdadeiros em relação a ele. Mais tarde, ficamos deitados lado a lado na cama com nossos laptops, e para evitar checar meus e-mails eu fiz pesquisas no Google, de início aleatórias, mas depois com um propósito: estava procurando aquele trecho de *Ritmo louco*. Queria mostrá-lo a Lamin, estava curiosa para saber o que ele achava, agora que ele também era um dançarino, mas ele disse que nunca tinha visto nem ouvido falar de Astaire, e enquanto o vídeo era reproduzido ele ficou sentado na cama com a testa franzida. O que estávamos vendo era quase incompreensível para mim: Fred Astaire fazendo *black face*. No Royal Festival Hall eu havia sentado no fundo da galeria, sem meus óculos, e a cena começa com Astaire em plano geral. Mas nada disso explicava como eu conseguira bloquear aquela imagem da infância da minha memória: os olhos revirados, as luvas brancas, o sorriso de Bojangles. Me senti uma idiota completa, fechei o laptop e fui dormir. Acordei cedo na manhã seguinte, deixei Lamin na cama, escapuli para a cozinha e liguei o celular. Esperava encontrar centenas de mensagens, milhares. Tinha umas trinta. Era Aimee quem costumava me enviar centenas de mensagens por dia, e agora eu finalmente entendia que Aimee jamais me enviaria outra mensagem. Por que eu tinha levado tanto tempo para assimilar algo tão óbvio, isso eu não sabia. Rolei a tela para baixo e me deparei com uma lista deprimente — uma

prima distante, alguns amigos, vários jornalistas. Encontrei uma com o título: VADIA. Vinha de um endereço sem sentido, com letras e números, e trazia em anexo um vídeo que não abria. O corpo da mensagem continha uma única frase: *Agora todos sabem quem você realmente é*. Era o tipo de bilhete que você poderia receber de uma pirralha maldosa de sete anos com um firme senso de justiça. E é claro que aquela mensagem — se não levarmos em conta a passagem do tempo — era exatamente isso.

PARTE UM  
Primórdios



# Um

Se todos os sábados de 1982 podem ser considerados um único dia, conheci Tracey às dez da manhã daquele sábado, atravessando a pé o cascalho arenoso do jardim de uma igreja, cada uma de mãos dadas com a sua mãe. Muitas outras meninas estavam presentes, mas por motivos óbvios reparamos uma na outra, nas semelhanças e diferenças, como é comum entre meninas. Nosso tom pardo era exatamente o mesmo — como se tivessem recortado um único pedaço de tecido marrom-claro para nos fabricar —, nossas sardas se concentravam nos mesmos lugares, e tínhamos a mesma altura. Meu rosto, porém, era pensativo e melancólico, com um nariz comprido e imponente, e meus olhos eram curvados para baixo, assim como minha boca. O rosto de Tracey era espevitado e redondo, ela parecia uma Shirley Temple mais escura, a não ser pelo nariz problemático como o meu, reparei nisso de imediato, um nariz ridículo — empinado como o de um porquinho. Gracioso, mas também obsceno: suas narinas estavam permanentemente expostas. No quesito nariz, dava para declarar empate. No cabelo, ela ganhava com folga.

Tinha cachos espiralados, chegavam até o traseiro e estavam presos em duas tranças compridas, reluzindo com algum tipo de óleo, amarradas nas pontas com lacinhos de cetim amarelo. Lacinhos de cetim amarelo eram um fenômeno desconhecido para a minha mãe. Ela puxava minha grande cabeleira crespa para trás formando uma nuvem amarrada com uma fita preta. Minha mãe era feminista. Seu penteado era um afro de um centímetro e meio, seu crânio tinha um formato perfeito, ela nunca usava maquiagem e vestia a nós duas da maneira mais despojada possível. Cabelo não é essencial quando você se parece com a Neferiti. Ela não tinha nenhuma necessidade de maquiagem, produtos, joias ou roupas caras e, dessa forma, sua situação financeira, suas convicções políticas e sua estética estavam perfeitamente — convenientemente — alinhadas. Acessórios apenas deturpavam seu estilo, incluindo, ou pelo menos era o que eu sentia na época, a menina de sete anos com cara de cavalo a seu lado. Observando Tracey à minha frente, diagnostiquei o problema oposto: sua mãe era branca, obesa, coberta de acne. Usava seus cabelos finos e loiros puxados bem firmes para trás, no que sei que minha mãe teria chamado de “*facelift* de Kilburn”. Mas o glamour pessoal de Tracey era a solução: ela era o acessório mais chamativo de sua mãe. O visual da família agredia o gosto da minha mãe, mas era cativante para mim: logotipos, pulseiras e argolas de metal, imitações de diamantes em tudo, tênis esportivos caros do tipo que me minha mãe se recusava a aceitar como uma realidade do mundo — “Aquilo não é um calçado”. Aparências à parte, porém, não havia muita diferença entre nossas famílias. Vivíamos em conjuntos habitacionais e não recebíamos benefícios. (O que era motivo de orgulho para a minha mãe e de indignação para a de Tracey: ela havia tentado diversas vezes — sem sucesso — “se encostar como deficiente”.) Na visão da minha mãe, eram justamente essas semelhanças superficiais que davam

tanto peso às questões de gosto. Ela se vestia para um futuro que ainda não tinha se materializado, mas cuja chegada já antecipava. Era para isso que serviam suas calças de linho brancas, sua camiseta “Breton” listrada de branco e azul, suas espadrilhas desgastadas, sua bela e austera cabeça africana — tudo muito básico, muito discreto, completamente fora de sintonia com o espírito da época e também com o lugar. Um dia nós iríamos “cair fora daqui”, ela terminaria os estudos, se tornaria uma radical chic de verdade, talvez até tão bem falada quanto uma Angela Davis ou Gloria Steinem... Calçados de sola de corda eram todos parte dessa visão, eles apontavam sutilmente para conceitos mais elevados. Eu era um acessório somente no sentido em que meu próprio despojamento indicava uma admirável austeridade materna, pois era considerado de mau gosto — nos círculos aos quais minha mãe aspirava pertencer — vestir sua filha como uma putinha. Mas Tracey era a aspiração e o avatar desavergonhados de sua mãe, a única alegria na vida dela, usando aqueles lacinhos amarelos vibrantes, uma saia de babados e uma blusa curta que deixava à mostra centímetros de uma barriguinha infantil castanha, e quando nos acotovelamos com as duas no engarrafamento de mães e filhas entrando na igreja observei com interesse a mãe de Tracey empurrando a menina à sua frente — e na nossa frente — usando o próprio corpo como barreira, balançando a carne dos braços enquanto nos afastava para trás, até chegar à sala da aula de dança da srta. Isabel com uma expressão de grande orgulho e ansiedade no rosto, pronta para deixar sua preciosa carga aos cuidados de terceiros. A atitude de minha mãe, em contraste, era de um servilismo enfastiado e semi-irônico, ela achava a aula de dança ridícula, tinha coisas melhores a fazer, e, passados alguns sábados — nos quais ela ficou atirada numa das cadeiras de plástico enfileiradas na parede do lado esquerdo, quase incapaz de esconder seu desprezo pela atividade como um

todo —, foi promovida uma mudança e meu pai assumiu a tarefa. Fiquei esperando que o pai de Tracey também assumisse a tarefa, mas ele nunca o fez. Acabou sendo revelado — como minha mãe adivinhara de primeira — que não havia “o pai de Tracey”, pelo menos não no sentido convencional, de marido. Esse era outro exemplo de mau gosto.



# Dois

Agora quero descrever a igreja, bem como a srta. Isabel. Um prédio desprezioso do século XIX com fachada de grandes pedras de cor clara, não muito diferentes do revestimento barato que se via nas casas mais toscas — embora certamente não fosse o caso —, com um campanário pontudo e convincente no topo de um salão simples em formato de celeiro. O nome era St. Christopher's. Era igualzinha à igreja que fazíamos com as mãos ao cantar:

*Aqui fica a igreja  
E a torre com os sinos  
Abram as portas  
Aqui nos reunimos*

Os vitrais contavam a história de São Cristóvão atravessando um rio com o Menino Jesus nos ombros. Era malfeito: o santo parecia mutilado, com um braço só. As janelas originais tinham sido destruídas por explosões durante a guerra. Em frente à igre-

ja ficava um conjunto habitacional de prédios altos com má reputação, e era ali que Tracey morava. (O meu era melhor, de prédio baixos, na rua ao lado.) Construído nos anos 60, tinha substituído uma fileira de casas vitorianas arruinadas no mesmo bombardeio que danificara a igreja, mas a ligação entre os dois prédios terminava aí. A igreja, incapaz de fazer os residentes em frente atravessarem a rua em nome de Deus, tinha tomado a pragmática decisão de diversificar suas atividades para outras áreas: um grupo de convívio para crianças pequenas, inglês para imigrantes, aulas de direção. Essas eram atividades populares e bem estabelecidas, mas as aulas de dança nas manhãs de sábado eram uma novidade e ninguém sabia bem o que esperar delas. A aula em si custava duas libras e meia, mas havia um boato circulando entre as mães a respeito dos custos de sapatilhas de balé, uma mulher tinha ouvido falar em três libras, outra em sete, fulana de tal jurava que o único lugar para encontrá-las era a Freed, em Covent Garden, onde te arrancavam dez libras do bolso só de olhar — e o que dizer do “sapateado” e da “dança moderna”? As sapatilhas de balé também serviam para a dança moderna? Não havia a quem perguntar, ninguém tinha conhecimento prévio, você ficava empacada. Eram raras as mães com curiosidade suficiente para ligar para o número escrito nos panfletos caseiros pregados nas árvores da vizinhança. Muitas garotas que podiam ter se tornado grandes dançarinas nunca chegaram a atravessar a rua por medo daqueles panfletos caseiros.

Minha mãe era uma raridade: panfletos caseiros não lhe botavam medo. Ela possuía um tremendo instinto para costumes da classe média. Sabia, por exemplo, que uma venda de garagem — apesar do nome desabonador — era a ocasião certa para encontrar pessoas de qualidade superior, assim como suas velhas edições de bolso da Penguin, às vezes de Orwell, suas antigas caixinhas de porcelana para remédios, seus vasos de barro racha-

dos da Cornualha, suas rodas de oleiro descartadas. Nosso apartamento era cheio dessas coisas. Nada de flores de plástico para nós, brilhando de orvalho falso, e nada de estatuetas de cristal. Tudo isso fazia parte do plano. No fim das contas, até as coisas que eu detestava — como as espadrilhas da minha mãe — costumavam ser atraentes para o tipo de pessoa que estávamos tentando atrair, e aprendi a não questionar os seus métodos, mesmo quando me enchiam de vergonha. Uma semana antes do começo das aulas, eu a ouvi entonar sua voz esnobe no balcão da cozinha, mas ao sair do telefone ela tinha todas as respostas: cinco libras pelas sapatilhas de balé — se você fosse ao shopping em vez das lojas do centro da cidade — e as de sapateado podiam esperar. Sapatilhas de balé podiam ser usadas para dança moderna. O que era dança moderna? Ela não tinha perguntado. Ela podia fazer o papel de mãe preocupada, mas nunca, de jeito nenhum, o de mãe ignorante.

Meu pai foi enviado para comprar as sapatilhas. O tom de rosa do couro acabou sendo um pouco mais claro do que eu esperava, parecia a barriga de um gatinho, a sola era de um cinza encardido como a língua de um gato, e não havia longas fitas de cetim rosa para cruzar em volta dos tornozelos, não, apenas uma tirinha de elástico triste que meu pai mesmo costurou no calçado. Aquilo me deixou extremamente amuada. Mas talvez as sapatilhas, assim como as espadrilhas, fossem “simples” de propósito, de bom gosto? Foi possível me agarrar a essa ideia até o instante em que, já dentro do salão, nos disseram para vestir a roupa de dança ao lado das cadeiras de plástico e ir até a parede oposta, onde ficava a barra. Quase todas tinham as sapatilhas de cetim rosa, não o couro rosa esbranquiçado, cor de porco, que eu estava sendo forçada a usar, e algumas — meninas que eu sabia pertencerem a famílias que recebiam auxílio, ou que tinham pais ausentes, ou ambos — tinham as sapatilhas com as

longas fitas de cetim rosa entrelaçadas nos tornozelos. Tracey, que estava parada bem do meu lado, com o pé esquerdo erguido diante de sua mãe, tinha as duas coisas — o cetim de um rosa intenso e as fitas entrelaçadas — e também um tutu completo, o que ninguém sequer havia considerado uma possibilidade, assim como ninguém pensaria em aparecer na primeira aula de natação com um traje de mergulho. A srta. Isabel, por sua vez, tinha feições dóceis e amigáveis, mas era velha, talvez chegasse a ter uns quarenta e cinco anos. Era decepcionante. De construção sólida, ela parecia mais a esposa de um agricultor do que uma dançarina de balé e era toda rosa e amarelo, rosa e amarelo. Seus cabelos eram amarelos, não loiros, amarelos como um canário. Sua pele era muito rosada, um rosa de carne viva, e pensando agora me ocorre que ela talvez sofresse de rosácea. Seu collant era rosa, sua calça de abrigo era rosa, seu cardigã de balé era de lã mohair rosa — mas as sapatilhas eram de seda amarela, do mesmo tom dos cabelos. Isso também me deixou amuada. Ninguém tinha dito nada sobre amarelo! Ao lado dela, no canto, estava sentado um homem branco muito idoso, de chapéu de feltro, tocando “Night and Day” em um piano de armário, uma canção que eu adorava e tive orgulho em reconhecer. Eu conhecia as músicas antigas por causa do meu pai, ele próprio filho de um ardente cantor de pub, o tipo de homem — ou pelo menos era o que meu pai acreditava — cujas escorregadelas criminais representam, pelo menos em parte, um instinto criativo frustrado. O pianista se chamava sr. Booth. Cantarolei o mais alto que pude enquanto ele tocava, esperando que me ouvissem, abusando do vibrato. Eu era melhor cantora do que dançarina — de dançarina eu não tinha nada —, embora me orgulhasse em excesso do meu canto, de um modo que minha mãe, eu sabia, achava deplorável. O canto era um dom natural para mim, mas coisas que eram dons naturais de mulheres não impressionavam minha

mãe nem um pouco. Na visão dela, era o mesmo que ter orgulho de respirar, caminhar ou parir.

Nossas mães nos ajudavam a manter o equilíbrio, serviam de apoios para os pés. Colocávamos a mão nos seus ombros, colocávamos o pé em seus joelhos dobrados. Meu corpo estava nas mãos de minha mãe — sendo erguido, amarrado, apertado, endireitado, ajeitado —, mas a minha mente estava em Tracey e nas solas de suas sapatilhas de balé, onde eu agora podia ler a palavra “Freed” claramente estampada no couro. Os arcos naturais de seus pés eram dois beija-flores em pleno voo, curvados por conta própria. Os meus pés eram quadrados e chatos, pareciam se esgarçar a cada posição. Eu me sentia como uma criancinha posicionando blocos de madeira numa série de ângulos retos entre si. Esvoaçando, esvoaçando, esvoaçando, dizia a srta. Isabel, isso, muito bem, Tracey. Elogios faziam Tracey jogar a cabeça para trás e exibir seu narizinho de porco de maneira odiosa. Fora isso, ela era a perfeição, fiquei pasma. Sua mãe também parecia encantada, e seu comprometimento com aquelas aulas era o único aspecto consistente daquilo que passaríamos a chamar de “seu cuidado com a filha”. Ela comparecia às aulas com mais frequência que todas as outras mães e, uma vez presente, sua atenção raramente desviava dos pés da filha. O foco da minha mãe estava sempre em alguma outra coisa. Ela era incapaz de apenas sentar em algum canto e deixar o tempo passar, precisava estar aprendendo alguma coisa. Ela chegava no começo de uma aula com, digamos, *Os jacobinos negros* em mãos, e quando eu ia até ela pedir que trocasse minhas sapatilhas de balé pelos calçados de sapateado, ela já tinha avançado cem páginas. Mais tarde, quando meu pai assumiu o posto, ele dormia ou “saía para dar uma volta”, o eufemismo dos pais para irem fumar no jardim.

Nesse estágio inicial, Tracey e eu não éramos amigas, inimigas ou mesmo conhecidas: mal nos falávamos. Ainda assim,

havia sempre essa consciência mútua da presença da outra, uma corda invisível nos amarrando, nos conectando e impedindo que nos dispersássemos em relações mais profundas com outras meninas. Tecnicamente, eu conversava bem mais com Lily Bingham — que estudava na mesma escola que eu —, e a companhia à disposição de Tracey era a pobre e velha Danika Babić, com sua meia-calça rasgada e sotaque acentuado — as duas moravam no mesmo corredor. Mas apesar de rirmos e fazermos piadas com essas meninas brancas durante a aula, e apesar de elas terem todo o direito de presumir que eram o alvo das nossas risadas, o centro das nossas preocupações — de que éramos, para elas, as boas amigas que parecíamos ser —, assim que chegava a hora do intervalo, do suco de frutas e dos biscoitos, Tracey e eu sempre emparelhávamos uma do lado da outra, era quase inconsciente, duas raspas de limalha de ferro atraídas por um ímã.

Acabou ficando claro que Tracey tinha tanta curiosidade por minha família quanto eu pela dela, argumentando, com certa autoridade, que para nós as coisas “estavam na ordem errada”. Determinado dia, no intervalo, mergulhando ansiosamente um biscoito no suco de laranja, escutei sua teoria. “Com todas as outras, é o pai”, ela disse, e como eu sabia que isso era mais ou menos exato, não consegui pensar em nada para acrescentar. “Quando seu pai é branco, significa que...”, ela prosseguiu, mas naquele instante Lily Bingham se aproximou e parou do nosso lado, e nunca fiquei sabendo o que significava quando seu pai era branco. Lily era desengonçada, trinta centímetros mais alta que todas as outras. Tinha cabelos loiros compridos e perfeitamente lisos, bochechas rosadas e uma índole alegre e receptiva que nos dava a impressão, a mim e a Tracey, de ser uma consequência direta do número 29 da Exeter Road, uma casa inteira, que eu tinha sido recentemente convidada a visitar, fornecendo a Tracey — que não recebera o mesmo convite — um relato

ávido de um jardim privado, um vidro de geleia gigante cheio de moedas de troco e um relógio de pulso Swatch do tamanho de um humano adulto pendurado na parede de um dos quartos. Por consequência, havia coisas que não se podia discutir na frente de Lily Bingham, e na ocasião Tracey fechou a boca, empinou o nariz e atravessou o salão para pedir à mãe as sapatilhas de balé.